

Oscar Niemeyer é um gênio

O complexo de vira-latas nacional voltou a ganir depois que a revista *Time* publicou matéria qualificando Brasília de "monstrengos arquitetônicos"

Na virada das décadas de 50 e 60, ao tentar explicar a inclinação do brasileiro para a autodepreciação, o dramaturgo e cronista Nelson Rodrigues formulou uma insólita teoria, batizada de "complexo de vira-latas". Nelson Rodrigues definiu o complexo de vira-latas como o desejo masoquista que o brasileiro tem de se humilhar voluntariamente. E, ainda segundo Nelson, não lhe bastaria as quatro patas regulamentares; o brasileiro ainda acrescenta mais 20 patas suplementares para exercer melhor a submissão. Nelson estava falando do futebol, mas o complexo de vira-latas vale para outros campos de atividade.

Pois bem, na semana passada o complexo de vira-latas nacional voltou a ganir, depois que a revista *Time* publicou uma matéria elegendo os "monstrengos arquitetônicos do século". O critério para a avaliação seria a defasagem em relação às novas tendências tecnológicas. A título de ilustração da matéria, *Time* escolheu três construções na categoria de verdadeiros atentados à boa arquitetura: o prédio da MetLife, em Nova Iorque, de autoria do alemão Walter Gropius, o Les Halles, em Paris, e a Brasília, de Oscar Niemeyer. Segundo *Time*, a cidade é formada por construções incômodas, expostas ao sol inclemente e aos ventos. E Oscar Niemeyer é brindado com o epíteto de criador de uma capital "modernista cafona".

Em primeiro lugar, seria interessante lembrar que a revista *Time* chega a esta polêmica sobre a funcionalidade na arquitetura de Oscar Niemeyer com trinta anos de

atraso. Da mesma maneira que, com trinta de atraso, os Estados Unidos estão descobrindo a *Tropicália*. As contradições da arquitetura modernista de Oscar Niemeyer foram exaustivamente debatidas por arquitetos, urbanistas e críticos de arte brasileiros. Mas o fato de sua arquitetura ser mais ou menos funcional não retira o mérito de Niemeyer como um dos maiores inventores de formas da arquitetura moderna. Quando o mestre da arquitetura moderna Le Corbusier pregava o ângulo reto, Niemeyer dava o grito de independência colocando as curvas das montanhas, dos rios e da mulher brasileira em sua arquitetura. Ele impri-miu ao concreto movimento, ritmo, sensualidade, leveza, luminosidade, graça aérea brasileira. Niemeyer é um gênio da forma, ele tem um toque de invenção brasileira na arquitetura.

O que provoca estupefação é a credulidade acrítica, ahistorica, acéfala com que se compra no Brasil a última versão da *Time*. Basta a *Time* soltar um espirro que os brasileiros já se sentem compelidos a engarrafá-lo como se fosse a verdade do século e a ganir o seu complexo de vira-latas pelos quatro cantos. Niemeyer não está isento de críticas e reavaliações, mas qualificá-lo de "criador de uma capital modernista cafona" é um insulto que não podemos aceitar calados. Principalmente vindo dos Estados Unidos, a sociedade mais cafona do planeta, em múltiplos aspectos. Nos Estados Unidos, tudo que é grande - do jazz ao blues, passando pelo cinema independente - está condena-

do a ser marginal.

Esteticamente, a arquitetura de Brasília é ecológica, está plenamente integrada no ambiente do cerrado, permite uma ampla visão do céu aberto. Brasília é uma cidade leve, elegante, de extremo bom gosto. Cafona é a arquitetura pós-moderna criada pelos americanos. O pós-modernismo parte do pressuposto reacionário do fim da história. Tudo já foi feito, dito, escrito, inventado. Só nos resta realizar colagens como faz a arquitetura pós-moderna americana. Não podemos mais reinventar a arte, a arquitetura, o destino, a cultura, a história. O Brasil (e o mundo) se mediocrizaram quando saíram da órbita de influência da cultura humanista européia e se submeteram à cultura de massa americana.

A arquitetura de Niemeyer já mereceu referências elogiosas de João Cabral de Melo Neto, Mario Pedrosa, Ferreira Gullar, Jean Paul Sartre e André Malraux, entre outros. Brasília é um momento de afirmação da invenção brasileira em uma perspectiva mundial. Niemeyer ganhou alguns dos principais prêmios internacionais de arquitetura. O gênio negro do jazz John Coltrane viu fotos de Brasília na década de 60, divulgadas pela revista *Life*, e ficou tão impressionado com a beleza da cidade que resolveu dedicar-lhe uma composição, que se tornou célebre. Entretanto, na era pós-moderna, da razão cínica e do fim da história, nós preferimos os veredictos da revista *Time*. A matéria de *Time* é reveladora de uma imensa ignorância sobre o tema arquitetura. Sinto muito, mas dinheiro não compra cultura.

Querem reduzir-nos a seres invertebrados, sem tradição, dignidade, cultura das quais se orgulhar, só nos cabendo na história comer sanduíches do McDonald's e comprar tênis da Nike. Na Europa está emergindo uma forte tendência no sentido de uma retomada da tradição humanista da cultura. É o mais poderoso antídoto contra a americanização do planeta, quer dizer, a mediocriação do planeta. Niemeyer deveria repetir, nesse momento de nova onda do complexo de vira-latas, o que o pintor Di Cavalcanti disse a um jornalista que insistia em assediá-lo com perguntas cretinhas: "Sou um gênio, uma glória nacional, não encha meu saco!".